

# Perspetivas sobre o **Turismo Literário em Portugal**

## Perspectives on **Literary Tourism in Portugal**

INÊS CARVALHO \* [ inescarvalho@ua.pt ]

MARIA MANUEL BAPTISTA \*\* [ mbaptista@ua.pt ]

**Resumo** | O presente estudo pretende discutir a relação entre Turismo, Cultura e Literatura e, mais especificamente, analisar o modo como as entidades que organizam itinerários e roteiros literários em Portugal perspetivam esta relação no contexto do Turismo Literário. Três entidades desta natureza foram entrevistadas. Estas entidades foram comparadas nos seguintes domínios: objetivos e público-alvo; articulação com outras entidades; e perspetivas sobre a relação entre Turismo e Cultura. Os resultados destas entrevistas foram ainda comparados com os resultados obtidos por um estudo anterior realizado por uma das autoras, o qual analisou detalhadamente a entidade organizadora de um itinerário literário. Conclui-se que ao nível da retórica parece haver uma abertura considerável por parte das entidades entrevistadas em relação ao aproveitamento turístico de itinerários literários, comparativamente à entidade anteriormente estudada. No entanto, ao nível das práticas, a articulação entre Turismo e Cultura continua a não ser efetiva nos casos analisados. Deste modo, a criação de sinergias entre ambas as áreas está ainda por explorar por parte das entidades em estudo.

**Palavras-chave** | Turismo literário, relação entre turismo e cultura, Portugal.

**Abstract** | This study aims to discuss the relationship between tourism, culture and literature, and to examine how entities that organise literary routes and itineraries in Portugal regard this relationship in the context of the Literary Tourism. The people in charge of three of these entities were interviewed concerning the following areas: objectives of the literary routes and target audience; coordination with other entities; and perspectives on the relationship between Tourism and Culture. The results of these interviews were then compared with those of a previous study carried out by one of the authors, where the entity responsible for organising a literary itinerary was analysed in detail.

It is concluded that, at the rhetoric level, there seems to be a considerable openness from the interviewees concerning the touristic use of literary itineraries, particularly as compared to the entity previously studied. However, in practice, the articulation between Tourism and Culture is still not effective in the cases analysed. Therefore, synergies between both areas are yet to be explored by the entities under study.

**Keywords** | Literary tourism, relationship between tourism and culture, Portugal.

\* **PhD student in Tourism** at the University of Aveiro/ **Visiting PhD Student** at Linköping University (Sweden). **Member** of the Research Unit for Governance, Competitiveness and Public Policies (University of Aveiro).

\*\* **PhD in Cultural Philosophy** from the University of Aveiro. **Associate Professor with Agregation** at the University of Aveiro. **Director** of the Cultural Studies Doctoral Programme of the University of Aveiro.

## 1. Introdução

Hoje em dia crê-se que o Turismo Cultural não deve assentar apenas no aproveitamento e valorização do “*hardware*” patrimonial, como por exemplo, monumentos e edifícios, mas que deve contemplar produtos intangíveis (Gratton, 1996). O Turismo Literário é, deste modo, uma forma possível de diversificação da oferta de Turismo Cultural.

No entanto, o Turismo Literário é ainda uma tipologia de Turismo pouco explorada pelos agentes do setor do Turismo e pouco estudada pelos académicos da área. Apesar disso, o Turismo Literário apresenta um elevado potencial que, devidamente explorado, poderá contribuir não só para a melhoria dos impactos económicos do Turismo nas regiões visitadas, mas também para uma mais ampla divulgação do património imaterial de uma região.

O Turismo Literário apresenta um elevado potencial, na medida em que não é replicável noutras locais, sobretudo num contexto em que os turistas procuram cada vez mais experiências únicas (Getz, s/d). Para além disso, pode aumentar a atratividade de locais com menor procura e durante a época baixa, já que, segundo Curado (1996), há uma maior proporção de turistas culturais que se desloca no inverno. Por outro lado, pode contribuir para o prolongamento da estadia dos turistas e conseqüente aumento das receitas, bem como atrair turistas com um nível de formação superior (Herbert, 2001). Segundo Eusébio, Castro e Costa (2008), são os turistas culturais que têm maior poder de compra e geram receitas mais avultadas.

O presente estudo pretende discutir a relação entre Turismo, Cultura e Literatura e, mais especificamente, analisar o modo como as entidades que organizam itinerários e roteiros literários em Portugal perspetivam esta relação no contexto do Turismo Literário. Para tal, começa-se por discutir conceitos centrais, como o de Literatura e o de Turismo, analisando o modo como as novas definições de Turismo e de Literatura abrem caminho a uma aproximação destas duas áreas. Analisa-se ainda como o Turismo

Literário pode favorecer a comunicação intercultural e contribuir para uma atividade turística mais sustentável e diferenciada, mesmo perante uma crescente massificação da experiência turística e dessacralização da cultura.

Seguidamente são apresentadas diferentes definições e conceções sobre Turismo Literário e a presença do Turismo Literário em Portugal é analisada. Posteriormente são analisados os dados recolhidos nas entrevistas realizadas. Foram entrevistadas três entidades que organizam ou organizaram itinerários e roteiros literários em Portugal. Estas entidades foram comparadas nos seguintes domínios: objetivos e público-alvo; articulação com outras entidades; e perspetivas sobre a relação entre Turismo e Cultura. Os resultados destas entrevistas foram ainda comparados com os resultados obtidos por Carvalho (2009), que analisou detalhadamente a entidade organizadora de um itinerário literário.

## 2. Conceito(s) de Literatura

Ao longo dos tempos, diversos foram os significados atribuídos ao termo “Literatura”. Hoje em dia, este termo é utilizado para designar uma arte particular e conjunto de textos resultantes dessa atividade criadora. Foi sobretudo a partir do século XVIII que o termo Literatura adquiriu os significados fundamentais que hoje tem, uma vez que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia impossibilitou que se continuasse a incluir obras de caráter científico e tecnológico no âmbito das *belles lettres* (Silva, 2005).

Na era positivista todos os textos escritos que representassem uma civilização eram considerados literários, independentemente de possuírem ou não elementos de ordem estética. No entanto, duas escolas de crítica literária insurgiram-se contra esta conceção no início do século XX: o formalismo russo e o *New Criticism*. Segundo estes movimentos, era a “literariedade” (*literariness*) que distinguia os

textos literários dos não-literários (Silva, 2005). Jakobson (1973) definiu “literariedade” como “aquilo que faz de uma determinada obra uma obra literária”. Seriam portanto características estruturais peculiares de ordem estética que diferenciariam os textos literários dos demais textos.

O conceito de sistema modelizante secundário foi introduzido por Lotman. Este autor definiu “sistema modelizante” como um sistema que permite ao homem “a organização estrutural, com funções gnoseológicas, comunicativas e pragmáticas do mundo circundante” (Silva, 2005). Para Lotman, a literatura é um processo de semiose e comunicação. Esta perspectiva valoriza o papel do autor (emissor), o papel da obra (mensagem) e o papel do leitor (recetor) (Silva, 2005). Para Eco (1985) o processo de significação da obra concretiza-se por meio de um processo de comunicação. Para este autor, o leitor desempenha um papel importante para que este processo de significação possa ocorrer, uma vez que coopera com as estruturas existentes na obra: “um texto quer que alguém o ajude a funcionar” (Eco, 1983).

O papel do leitor, que anteriormente era desvalorizado, passou a assumir uma importância crescente com a investigação literária contemporânea. Na estética da recepção, nos finais da década de 60 do século XX, a literatura é considerada um processo de comunicação em que o principal polo é o leitor. De acordo com Jauß (1969), os textos não são aceites de forma passiva pelo leitor, uma vez que estes os interpretam de acordo com o seu “horizonte de expectativas”. Deste modo, são o leitor e o seu horizonte de expectativas que transformam o artefacto (o texto) em objeto estético. Por esta razão, uma vez que o horizonte de expectativas do leitor está historicamente condicionado, a história da literatura nunca estará completa, já que os textos serão sempre lidos de forma distinta ao longo dos tempos (Jauß, 1969).

Segundo Iser (1976), o leitor transforma o texto em texto literário ao preencher os seus “espaços vazios” (*Leerstellen*) em busca de consistência semântica. O texto em si requer um “leitor implícito”, instância descodificadora virtual requerida pela

estrutura do próprio texto. Deste modo, o leitor real ativa o leitor implícito, podendo ou não preencher os seus “espaços vazios” (Iser, 1976).

Para Stanley Fish, pragmatista radical, a obra literária não tem qualquer valor intrínseco, uma vez que não tem características formais que a delimitem. Deste modo, para este autor, a decisão de incluir ou excluir um texto da categoria “literatura” não depende das suas supostas características formais, mas apenas da comunidade interpretativa que, ao “colocar” certos significados dentro das obras, as torna “literárias” (Fish, 1980; Silva, 2005). Esta abordagem é controversa, sendo considerada demasiado radical e contraditória por diversos autores.

Em suma, pode concluir-se que na teoria literária contemporânea o leitor não tem um papel passivo: este configura-se como coautor da obra literária, o que poderá abrir novas perspectivas sobre a relação entre leitor e obra literária – nomeadamente através do itinerário literário, elemento chave para a releitura e reinterpretação tanto da obra como da paisagem através do olhar do leitor-turista/turista-leitor. A vivência do espaço real onde a obra se enquadra permite ao leitor aumentar a polissemia da obra. Por outro lado, após conhecer a obra literária, o leitor encontra novos sentidos para a paisagem, apurando e extravasando o que os sentidos lhe dão, através do seu imaginário estimulado pela literatura. O turista deixa de ser um mero recetáculo: ele passa a corrigir a paisagem e a obra.

### 3. Conceito(s) de Turismo

Diversas têm sido as definições de “Turismo” apresentadas ao longo das últimas décadas. Uma vez que se trata de um fenómeno difícil de delimitar e em constante e acelerada mudança, a sua definição não é ainda consensual e universalmente aceite (Costa, 1996).

Tradicionalmente, a definição de “turismo” apoia-se na definição de turista, designando-se este tipo de definições como sendo feitas “pelo lado da

procura". Vários autores apresentaram este tipo de definições, tais como Murphy (1985), que defende uma abordagem comunitária, enfatizando que o turismo deve ser perspectivado tendo em conta as relações entre residentes e turistas, Mathieson e Wall (1990) que focaram os impactes do turismo ao nível económico, ambiental e sociocultural, ou Leiper (1979) que abordou a complexidade do sistema turístico, que é um sistema aberto que engloba os turistas, as áreas geradoras e recetoras de turismo, as regiões de trânsito e ainda uma indústria do turismo que lhes está associada.

No entanto, estas definições pelo lado da oferta tornam-se algo circulares, pelo que nos últimos anos se tem afirmado um outro tipo de definições, "pelo lado da oferta", que perspectivam o turismo como uma atividade económica, nomeadamente, como o conjunto de atividades de negócio que fornecem bens e serviços àqueles que viajam para fora do seu local de residência por motivos de lazer ou negócios (Smith, 1995). Os serviços culturais estão incluídos entre uma dessas atividades, denominadas atividades características do turismo, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1999), pelo que a literatura, através do itinerário literário, pode ser integrada como uma das atividades do *core business* do setor do turismo.

#### 4. Turismo, Cultura e Literatura – um diálogo possível?

Haverá um diálogo possível entre Literatura e Turismo? Quais as possibilidades de harmonizar aquela forma de arte com esta atividade económica? Será possível conceber produtos de Turismo Literário sem deturpar a obra que está na sua origem? Perante uma crescente massificação da experiência turística e da "turistificação" de bens culturais, será possível alcançar um produto com qualidade, não-plastificado e não-massificado, que vá além do mero entretenimento superficial?

Segundo Urry (1990, p. 85), "as formas culturais pós-modernas não são consumidas num estado de contemplação (como no concerto clássico) mas de distração". Para este autor o mundo pós-moderno vivencia a dessacralização da cultura e a diluição das fronteiras entre alta e baixa cultura. Por "dessacralização" entenda-se o gradual ou total desaparecimento das fronteiras entre o objeto cultural e o público, ex. através de concursos de televisão, onde "qualquer um pode ser uma estrela por cinco minutos" (Urry, 1990, p. 85). A passagem do produto cultural a produto pseudocultural, a mero entretenimento, é também destacada por alguns autores, nomeadamente da Escola de Frankfurt, embora estes atribuam maior ênfase ao papel do capitalismo neste processo. Entre estes, Adorno refere que a comercialização da cultura no contexto do capitalismo através da "indústria cultural" tem como objetivo encaixar os indivíduos no sistema de produção e consumo (Baptista, 2009).

Por outro lado, assiste-se a uma constante perda da autenticidade, deixando de haver diferença entre o verdadeiro e o falso, a representação e a realidade. Segundo Baudrillard (1997), o conceito de "hiperrealidade" denota essa incapacidade de distinguir a fantasia da realidade: passámo-nos a relacionar com o hiperreal, i.e. um modelo do real sem origem na realidade, mas que se sobrepõe ao *verdadeiro* real – de tal forma que o que hoje se pretende é que o real corresponda aos modelos simulados e não que o simulacro se baseie no real.

Porém, regozijar-se-ão todos os turistas com meros simulacros – *Islas Mágicas* ou *Disney Worlds*? Será possível a criação de produtos turísticos que vão além da mera "McDisneyzação" (Ritzer & Liska, 1997) das experiências turísticas? Ritzer e Liska (1997) referem que há ainda muitos turistas que procuram experiências autênticas e que conseguem encontrá-las. Para além disso, segundo Mendes (2007), o bom nível de escolaridade e educação em geral do turista contemporâneo, predispõem-no a privilegiar o saber e o conhecimento e a compreender "que não existem costumes 'dogmaticamente' universais" (Mendes, 2007, pp. 41-42).

Perante a crescente estandardização e inautenticidade da indústria turística (Ritzer & Liska, 1997; Urry, 1990), o Turismo Literário poderá favorecer e estimular a comunicação intercultural entre visitantes e visitados, facilitando a compreensão e a imersão, ainda que temporárias, na cultura do Outro. Segundo Mendes (2007), o turismo permite ao turista a descoberta de outros *modus vivendi*, sendo que a obra literária convida o leitor a projetar-se nas situações e personagens da obra e, ao habitar um Outro, aumentar a consciência sobre a sua própria identidade. Por outro lado, o Turismo Literário permite abrir caminhos para uma atividade turística mais autêntica, diferenciada, sustentável, de qualidade e verdadeiramente competitiva.

Tal como o leitor é essencial para que a obra literária se concretize (Eco, 1983), o itinerário literário apenas se consagra num objeto estético ao ser percecionado enquanto tal pelo turista (Mendes, 2007).

## 5. Turismo Literário

### 5.1. Definições e conceções sobre Turismo Literário

O Turismo Literário pode adquirir diversas formas, podendo envolver quer itinerários literários quer sítios literários, que por sua vez podem ser de diferentes tipos. Herbert (1996) cita diferentes definições de sítios literários:

- Sítios relacionados com a vida do autor (Marsh, citado em Herbert, 1996);
- Sítios relacionados com o mundo ficcional criado pelo autor na sua obra (Pocock; Daniels, citados em Herbert, 1996);
- Sítios relacionados com a vida e obra do autor, mas valorizados pelo visitante por o recordarem do seu próprio passado, evocando-lhe, por exemplo, memórias de infância, causando-lhe nostalgia (Squire, citado em Herbert, 1996).

Urry (1990) distingue locais atrativos por si só, por exemplo, devido à sua paisagem, que não estão por essa razão dependentes da sua ligação com um/a escritor/a para atraírem turistas, dos locais que dependem dessa ligação com um/a autor/a para atraírem visitantes. Segundo Herbert (1996), um sítio literário pode ser uma atração turística por si só, ou uma parte de uma oferta turística mais abrangente, podendo ainda ter: características específicas, que são as que fazem de um determinado sítio um sítio literário (ex.: a relação do local com o autor e a sua obra); ou características “gerais”, tais como uma paisagem atrativa, ou a existência de serviços e atividades para os turistas.

Para Müller (2006), os sítios literários podem ser geridos como sítios patrimoniais, que é necessário proteger, ou enquanto destinos turísticos, que podem ser mercantilizados através da proliferação de atrações e serviços para os turistas. Contudo, a lógica de proteção da cultura material e imaterial de uma comunidade e a lógica de desenvolvimento turístico e económico de um destino com base no património local não são inconciliáveis.

Importa ainda distinguir “sítio literário” de “itinerário literário”. Os itinerários literários podem ser regionais, suprarregionais ou mesmo internacionais, envolvendo lugares, paisagens e atrações ligadas ao escritor ou à sua obra. Estes podem ser percorridos de forma independente pelos turistas ou podem estar integrados num pacote turístico criado por empresas ou organizações locais do turismo de modo a atrair visitantes, a divulgar o destino e a cultura local ou a aumentar as receitas com a vinda de turistas.

Os itinerários literários podem ainda funcionar com base numa rede que une um conjunto de entidades que, embora de natureza diversa, se articulam entre si para oferecer um determinado produto ao turista (Carvalho, 2009). É este o caso de iniciativas como a Rota dos Contos de Fadas ou o Rheinischer Sagenweg na Alemanha. Estas rotas interligam várias localidades ao longo de vários quilómetros, integrando vários organismos do setor público e do setor privado, do Turismo, da Cultura e da Literatura.

O diálogo profícuo que é estabelecido entre os agentes do Turismo e da Cultura, por um lado, permite ir ao encontro das necessidades e interesses dos visitantes e, por outro lado, garante que o fenómeno do Turismo gera efeitos positivos nas economias locais, através da maximização das receitas.

## 5.2.O Turismo Literário em Portugal

Em Portugal o Turismo Literário está ainda pouco divulgado e pouco explorado. A vertente cultural, nomeadamente educativa, dos itinerários literários tem, no entanto, sido melhor explorada do que a sua vertente turística. Tal deve-se ao facto de os organismos envolvidos na conceção destes itinerários estarem restringidos, até à data, aos agentes culturais do setor público, que dirigem a sua oferta quase em exclusivo às escolas (ex.: itinerários temáticos e literários para estudantes da Divisão de Promoção e Comunicação Cultural; Rota dos Escritores do século XX; Projeto *Viajar Com*; Roteiro Queirosiano em Sintra...). A iniciativa privada a este nível é muito pouco expressiva.

Estes itinerários literários têm tido um papel limitado no que concerne o seu contributo para o desenvolvimento económico e social ao nível local e regional (Carvalho, 2009). Uma maior ligação destes projetos ao setor do Turismo poderia permitir não só que estes se autossustentassem, mas também que adquirissem um papel de maior relevo na divulgação da cultura e literatura locais. Para além disso, quando bem articulados com o setor do Turismo, estes projetos poderiam conferir um maior dinamismo ao setor e a todas as atividades económicas que lhe estão associadas: hotelaria; restauração; agências de viagens; operadores turísticos; serviços culturais; serviços de recreio e lazer...

No entanto verifica-se que, a diversos níveis, as iniciativas existentes estão ainda longe desta realidade. Estes itinerários por sistema não decorrem aos fins de semana, não é oferecida a possibilidade de realizar estes percursos noutras línguas para além

do português, estando os próprios *websites* destas iniciativas apenas em Português. Para além disso, funcionam em completa desarticulação com o setor do Turismo, tanto ao nível de entidades públicas (ex. divisões de Turismo das câmaras municipais ou atrações, tais como museus), como de entidades privadas (ex. hotéis, serviços de recreio e lazer...). Algumas entidades procuram já, de forma ativa, criar sinergias com o setor do Turismo, tais como a Fundação Eça de Queirós, mas estes casos são ainda a exceção.

Carvalho (2009) realizou um estudo sobre itinerários de Turismo Literário, no qual analisou detalhadamente a entidade organizadora de um roteiro queirosiano. Para além da análise deste roteiro, que é primordialmente vocacionado para grupos escolares e é gratuito, procurou ainda analisar como os seus dinamizadores perspetivam o alargamento deste itinerário de modo a criar uma rede entre agentes do Turismo e da Cultura (ex. palácios; associações culturais; salas de espetáculos; hotéis...), tanto do setor público como do setor privado. O roteiro seria o núcleo central da criação de uma rede entre estes agentes, que teria como objetivo uma divulgação mais ampla da Literatura queirosiana e da Cultura sintrense, bem como um maior aproveitamento turístico do itinerário literário existente, que permitisse prolongar a estadia dos visitantes em Sintra.

## 5.3.Turismo Literário – análise das perspetivas de três entidades

### 5.3.1. Metodologia e caracterização das entidades

Nesta secção, a análise que Carvalho (2009) faz de um roteiro queirosiano e dos seus dinamizadores serve de ponto de partida e de comparação ao estudo empírico que foi realizado no âmbito do presente estudo. O objetivo desta análise comparativa foi verificar se as três entidades em estudo revelam maior abertura em relação ao setor do Turismo e ao aproveitamento turístico do património literário. A análise feita por Carvalho (2009) sugeriu que os

dinamizadores da entidade analisada se demonstravam pouco favoráveis à ideia de o itinerário literário poder ser alargado e adaptado de modo a estimular a atividade turística local. Estes exprimiram ainda alguma desconfiança em relação ao turismo e aos turistas.

Neste sentido, as entidades em estudo são analisadas e comparadas com o roteiro analisado por Carvalho (2009), procurando-se responder às seguintes questões:

- Qual o público-alvo e os objetivos do itinerário literário/ da entidade?
- Qual o grau de articulação que as entidades em análise estabelecem com outras entidades, nomeadamente do Turismo e da Cultura?
- De que modo os/as entrevistados/as perspetivam a relação entre Turismo e Cultura?

Deste modo, procedeu-se à realização de três entrevistas exploratórias semiestruturadas por telefone em dezembro de 2011, cuja análise é apresentada ao longo das secções seguintes. Das três entidades envolvidas, uma não tem fins lucrativos, outra é pública e a outra é privada. Todas as entidades estão relacionadas com a literatura e com os itinerários literários, embora de forma distinta, como será analisado.

A primeira entidade (A) é constituída por um grupo de doze guias em nome individual que realiza passeios literários e que estão unidos através da marca que criaram para divulgarem os seus passeios. Esta entidade começou por ser uma empresa que fazia passeios a pé por Lisboa com estrangeiros e os guias eram prestadores de serviços nessa empresa. Contudo, como a empresa não dava lucro, foi encerrada, mas os guias continuaram com o projeto e começaram a fazer passeios literários quase exclusivamente para grupos escolares. A entrevistada revelou ainda que o grupo está a começar a vocacionar-se para o turista estrangeiro e a conceber passeios literários para este segmento. Estes passeios não são a atividade principal destes guias-intérpretes, que também fazem outros itinerá-

rios para além dos literários. Esta é a única entidade entrevistada que tem objetivos lucrativos e que está primordialmente associada à área do Turismo e não à da Cultura.

A segunda entidade (B) é uma associação que congrega estudiosos e interessados em Eça de Queirós e na sua época. Entre estes estudiosos não se incluem apenas indivíduos da área da literatura, mas também antropólogos e mesmo musicólogos ou biólogos, cujos estudos de alguma forma refletem a obra deste autor. Realizam um conjunto muito vasto de atividades, incluindo itinerários literários, mas também exposições de pintura e escultura, cursos, contando ainda com uma revista e diversas publicações. Ao nível dos itinerários literários, realizam itinerários tanto a nível nacional, envolvendo diversas localidades, como ao estrangeiro, nomeadamente ao Egito, onde Eça de Queirós também esteve.

Por fim, a terceira entidade (C) é uma entidade regional pública relacionada com a cultura que, em 2003, realizou um projeto relacionado com a divulgação da obra de um importante conjunto de escritores. Esta iniciativa envolveu a realização de exposições itinerantes sobre os escritores, publicações de roteiros culturais em livro e ainda uma exposição final com recriação do local de escrita dos autores envolvidos e apoio de diversos meios audiovisuais.

### 5.3.2. Objetivos e público-alvo das entidades

De modo a estabelecer este estudo comparativo, importa começar por analisar as semelhanças e diferenças ao nível dos objetivos e público-alvo mencionados pelas diferentes entidades entrevistadas no âmbito deste estudo e no de Carvalho (2009).

Segundo Carvalho (2009), os objetivos do roteiro eram divulgar a cultura e património locais, divulgar a obra de Eça de Queirós e ir ao encontro das necessidades dos alunos e professores do Ensino Secundário, de modo a aprofundar e estimular o interesse dos alunos pela leitura de *Os Maias*. O público-alvo eram os alunos e professores de Português do Ensino Secundário e associações culturais,

sendo a realização do percurso gratuita para os seus participantes. Concluiu-se que este itinerário tinha um cariz essencialmente educativo, numa perspetiva de divulgação cultural.

Procurou-se analisar se as três entidades em estudo teriam um perfil semelhante ao desta entidade em relação aos objetivos e público-alvo. A divulgação cultural e literária, nomeadamente a divulgação da cultura e literatura local, é mencionada pelas três entidades como sendo um dos seus objetivos. Em relação à entidade C, o objetivo do projeto que dinamizaram era “associar com coerência a dinamização socioeconómica da região e a elevação cultural dos cidadãos”. A entidade A é a única que tem objetivos lucrativos, uma vez que decorre da iniciativa privada. Contudo, a entrevistada menciona que o objetivo é também “difundir a cultura e literatura de Lisboa e Sintra”.

À semelhança do que havia sido observado relativamente à entidade estudada por Carvalho (2009), as entidades A e C também mencionaram que o seu principal grupo alvo são os grupos escolares. A entidade B é a única que não engloba o público escolar,<sup>1</sup> embora englobe alunos do ensino universitário. Apesar de a realização de itinerários estar muito vocacionada para os próprios sócios desta entidade, a participação na maior parte das atividades desta associação, incluindo os itinerários, é aberta.

No estudo de Carvalho (2009), os organizadores do roteiro foram interpelados em relação à possibilidade de realizarem o roteiro para grupos de estrangeiros. Estes mencionaram a existência de duas barreiras que limitam a participação de turistas estrangeiros em roteiros literários: uma barreira cultural e uma barreira linguística. Segundo os entrevistados, estes turistas não conhecem à partida a história, cultura e literatura portuguesas, pelo que têm maior dificuldade em compreender o contexto em que a obra se insere. Os entrevistados mencionaram ainda que a probabilidade de estes turistas conhecerem a obra *Os Maias* é menor. Para além disso, consideraram que seria muito difícil traduzir algumas passagens da obra e que, mesmo traduzidas, dificilmente estas teriam a mesma ex-

pressividade e valor literário que as citações originais em Português. Deste modo, concluiu-se que os entrevistados consideravam que existiam barreiras consideráveis que dificultariam muito a adaptação do itinerário a turistas estrangeiros.

Procurou-se averiguar se as entidades A, B e C entrevistadas incluem estrangeiros no seu público-alvo, bem como compreender o modo como estas equacionam a possibilidade de vocacionar a sua oferta para estrangeiros. A entidade A é a única que está a começar a vocacionar-se para estrangeiros, apesar de ainda não haver muita procura. A entrevistada reconhece, no entanto, que o *website* vocacionado para turistas estrangeiros ainda só está em Português, o que dificulta que seja encontrado por estrangeiros, e reconhece ainda que os guias só estão a trabalhar neste projeto de forma paralela, daí não ter havido ainda uma maior aposta nesta vertente. Para a entrevistada, a questão das línguas não seria problemática, uma vez que todos os guias são fluentes em diversos idiomas.

Já o entrevistado da entidade B menciona que, apesar de os estrangeiros não serem o seu público-alvo, estes também procuram esta associação e participam nas suas atividades, nomeadamente nos itinerários. Refere ainda que, sempre que há estrangeiros nos itinerários, têm possibilidade de fazer as visitas em Inglês ou em Francês. Estes estrangeiros estão sobretudo ligados ao Brasil, mas também a Inglaterra e França. Contudo, estes estrangeiros são sobretudo eruditos e não o público em geral. Ao contrário dos entrevistados por Carvalho (2009), o entrevistado B acredita que é perfeitamente possível fazer itinerários para estrangeiros, mesmo que estes não tenham conhecimento de Eça de Queirós. O entrevistado explica ainda como procederia caso os entrevistados não tivessem um conhecimento prévio do autor: prepararia a biografia de Eça de Queirós em *PowerPoint* para explicar aos turistas a

<sup>1</sup> Não fazem itinerários para grupos escolares, mas recebem visitas de escolas na sede da associação ou realizam por vezes palestras nas escolas quando solicitados.

vida de Eça de Queirós, de modo a estes poderem acompanhar a visita. Sugeriria ainda a estes turistas que lessem o livro antes de realizarem a viagem, de modo a que estes aprendessem mais sobre o autor e pudessem acompanhar melhor a visita.

Já a entrevistada pela entidade C, quando questionada sobre se os turistas estrangeiros também eram um dos públicos-alvo da iniciativa, responde que também eram, mas que não tinham informação noutras línguas para além do Português, o que era limitativo. Os roteiros em papel criados também continham apenas informação em Português.

Conclui-se, deste modo, que os entrevistados no âmbito deste estudo revelam uma abertura muito maior ao público estrangeiro, nomeadamente os da entidade A e B. No entanto, há ainda sinais que revelam lacunas no modo como esta aproximação está a ser feita: o projeto da entidade C não incluía qualquer informação em língua estrangeira; o *website* da entidade A ainda não tem informação noutras línguas nem houve um estudo de mercado feito com antecedência.

### 5.3.3. Articulação com outras entidades do Turismo e da Cultura

Em Carvalho (2009) verificou-se que a entidade estudada não procurava articular-se com outras entidades. Os entrevistados mostraram-se muito renitentes ao possível alargamento do itinerário existente, de modo a este englobar outras entidades do Turismo e da Cultura. Mencionaram que esta rede traria vantagens para as entidades com fins lucrativos, tais como hotéis e restaurantes, pois veriam um acréscimo dos seus lucros, mas não mencionaram nenhuma vantagem para o itinerário em si. Apesar de o roteiro ter deixado de se realizar ao Sábado por não haver verba para pagar horas extraordinárias aos guias, os seus organizadores não eram favoráveis à cobrança da participação no mesmo nem à sua rentabilização, rejeitando mesmo a hipótese de este continuar a ser gratuito para os estudantes, mas pago pelos restantes visitantes. Consideraram que esta alternativa de cobrar a entrada a uns mas não a

outros seria difícil de operacionalizar e exigiria muita burocracia. Os inquiridos reiteraram a sua posição de que a secção que integram não tem nem deve ter função lucrativa.

No âmbito do presente estudo, os entrevistados foram também questionados sobre se trabalham em articulação com outras entidades com ou sem fins lucrativos, do Turismo e da Cultura. A entidade A não estabelece relações com qualquer outra entidade, embora a entrevistada refira que gostaria de vir a estabelecer relações com hotéis temáticos, museus e casas de escritores na perspetiva de estes divulgarem os roteiros, mas não enquanto parceiros, uma vez que receia que a parceria com outras entidades possa aumentar ou estimular a concorrência ao nível da realização de itinerários literários.

Já a entidade B estabelece relações com diversos tipos de entidades: com outras associações relacionadas com Eça de Queirós, agências de viagens e também com hotéis ou outras entidades relacionadas com o autor ou a sua obra. Por exemplo, realizam jantares, nomeadamente com ementas queirosianas, entram em contacto com agências de viagens para marcarem itinerários no estrangeiro e divulgam a sua associação em Câmaras Municipais e bibliotecas. Para além disso, o entrevistado referiu que a associação está a tentar juntar todas as associações queirosianas existentes em Portugal e que neste momento já têm protocolos de colaboração entre elas.

Durante o período de execução do projeto, a entidade C estabeleceu relações sobretudo com Câmaras Municipais, não tendo havido qualquer relação com organismos do turismo. Para além disso, a entrevistada desconhece se houve um aproveitamento dos roteiros em papel produzidos no âmbito do projeto para, por exemplo, realizar roteiros a pé e estimular a atividade turística. A entrevistada demonstrou desconhecer se houve lugar a este tipo de iniciativa, mesmo ao nível das próprias Câmaras Municipais diretamente envolvidas no projeto.

Em relação à questão do lucro, apesar de a entidade A ser a única que tem fins lucrativos, a entidade

B, procura garantir o sustento das suas atividades, contando, por exemplo, com patrocínios para a publicação da sua revista. Para além disso, procura encontrar nas atividades que realiza alguma fonte de receitas para cobrir os gastos e ainda algum saldo para a realização de outras atividades, tais como a publicação de livros. Segundo o entrevistado, “as coisas têm de ser rentáveis” logo, embora a perspetiva não seja a do lucro, este argumenta que as atividades não podem dar despesa e que ainda deve haver algum fundo para sustentar as restantes atividades e pagar à única funcionária da associação.

Quanto à entidade C, o projeto foi financiado no âmbito de fundos europeus, recebendo ainda apoio de privados para levar a cabo a sua iniciativa. Uma vez que havia fundos suficientes que garantiam a autossustentação do projeto e não havia objetivos lucrativos, as entradas nas exposições eram gratuitas e os livros foram vendidos a preço de custo. Houve um grande investimento, mas não se sabe se houve ou está a haver aproveitamento do mesmo.

Conclui-se que também estas entidades trabalham pouco em articulação com outras entidades, quer do Turismo quer da Cultura. A entidade B é a mais dinâmica neste sentido, embora fosse talvez aquela que seria menos expectável que se articulasse com diversos tipos de entidades, já que não tem fins lucrativos nem se trata de uma iniciativa do setor público, imbuída com o propósito de dinamizar a economia e cultura regional. A pró-atividade desta associação é assinalável, contribuindo para o estímulo do setor do Turismo e da economia a ele associada, maximizando os impactos positivos do Turismo. A criação desta rede informal surge mais como fruto do dinamismo desta entidade do que de uma vontade explícita de melhorar os impactos do Turismo na região. Em relação à ideia do lucro, nenhuma das entidades entrevistadas se opôs à ideia de “lucrar” ou de “tornar rentável”, ao contrário dos organizadores do roteiro queirosiano. Em relação à entidade C, é de destacar o desconhecimento da atividade das Câmaras Municipais, nomeadamente em relação ao aproveitamento dos roteiros em

papel para a criação de itinerários que estimulem a atividade turística.

#### 5.1.4. Perspetivas sobre a relação entre Turismo, Cultura e Literatura

Os entrevistados por Carvalho (2009) consideraram que uma adaptação do roteiro ao turismo implicaria que este deixasse de ser um roteiro literário-cultural para passar a ser um itinerário literário-turístico. Referiram que a criação de itinerários literários para turistas estrangeiros apenas seria possível na condição de não se citar passagens da obra de Eça de Queirós, que consideram intraduzíveis. Os responsáveis pelo roteiro consideravam ainda que quando se fala de “roteiro”, se está a fazer referência a um percurso sobre Eça com intenções pedagógicas e educativas e que, com a introdução de “atividades lúdicas”, estas teriam um papel mais de “divulgação” do percurso queirosiano, pelo que consideram que nesta perspetiva poderia conceber-se um itinerário queirosiano adaptado ao Turismo. Contudo, de forma algo contraditória afirmam que estas atividades lúdicas (ex. fazer o percurso com atores que encarnassem as personagens da obra) não substituem o roteiro ao nível do conteúdo veiculado.

Apesar de os responsáveis pelo roteiro mencionarem que Turismo e Cultura, mesmo tendo objetivos diferentes, “se tocam no Turismo Cultural”, e de referirem que a Cultura estimula a economia e beneficia o património, defendem que não faz parte do seu dever prolongar a estadia dos turistas em Sintra de modo a levá-los a jantar e a pernoitar na vila, pois essas funções fariam deles não divulgadores culturais, mas sim “divulgadores de lanchinhos”. Os entrevistados consideram que o roteiro não tem função lucrativa e nem de prolongamento da estadia dos turistas.

Pelo contrário, os entrevistados das entidades A, B e C perspetivam a relação entre Turismo, Cultura e Literatura como sendo positiva. Foram colocadas diversas perguntas a estes três entrevistados, de modo a avaliar como estes percebem esta relação.

Os entrevistados foram questionados sobre as vantagens e desvantagens da associação do itinerário/ projeto da sua entidade ao turismo. A entrevistada pela entidade A menciona como principal vantagem o “dar a conhecer a cultura portuguesa” e como desvantagem, menciona, uma vez mais, o aumento da concorrência: “quanto mais nos expomos, maior o retorno, mas também aumenta a concorrência”. O entrevistado B considera que os itinerários literários são um nicho do Turismo Cultural e que estes têm cada vez mais procura, já que os turistas pretendem “passeios com conteúdo”. No entanto, salienta a necessidade de o turista ter algum conhecimento prévio sobre o autor em causa, nomeadamente sobre a sua biografia ou, no caso dos itinerários ficcionais, sobre a sua obra. Já a entrevistada C também reforça as vantagens desta associação. Na sua opinião pessoal “teria todo o sentido” utilizar os roteiros produzidos no âmbito do projeto para estimular a atividade turística, mas os roteiros teriam de ser atualizados. Segundo a entrevistada, “na altura em que vivemos, a cultura é um produto endógeno. Rentabilizar o que temos, é para onde nos podemos virar”, sublinhando que “não há dinheiro para investir em grandes novos projetos”. Porém, a entrevistada admitiu ainda não saber se está a haver aproveitamento turístico, quer por parte de empresas quer por parte de Câmaras, do roteiro que foi criado. No final do projeto foi realizada uma exposição, havendo a cláusula de que a exposição fosse permanente ou que voltasse ocasionalmente. Mas até agora a entrevistada não tem informação de que tal tenha acontecido. Apenas refere que houve uma Câmara Municipal que quis reeditar os roteiros em papel.

Quando questionados sobre se o Turismo pode levar à plastificação da Cultura, a entrevistada da entidade A diz que “pode, mas que as vantagens são maiores”; o entrevistado B afirma ser contra “a plastificação, a falta de autenticidade e as aldrabices”, mas refere que também é possível a adaptação ao turista sem que tal implique esvaziamento ao nível do conteúdo; já a entrevistada C diz que para valo-

rizar a cidade, é importante ter turistas, “mas tudo tem de ser feito de maneira idónea. Só perdemos identidade se perdermos idoneidade naquilo que produzimos”.

Relativamente à integração de atividades mais lúdicas no roteiro, a entrevistada A não se mostrou muito interessada nesta perspetiva. Na sua opinião, poderiam tentar fazer parcerias, por exemplo, com casas-museu de escritores, mas apenas com o objetivo de divulgar os itinerários. Os outros dois entrevistados mostram-se mais entusiasmados por esta ideia. O entrevistado B afirma-se favorável a este tipo de abordagens. Declara mesmo que na associação a que pertence fazem recreações, tais como ranchos folclóricos e *sketches* de parte das obras de Eça de Queirós. Na sua opinião este tipo de iniciativas estimula as pessoas a lerem mais e faz com que as obras permaneçam vivas. A entrevistada C também é da opinião de que se pode ficcionar e de que o aproveitamento turístico não tem que levar à massificação e refere exemplos de como é possível ficcionar sem massificar. A entrevistada refere ainda que “devemos ser fiéis e científicos, fiéis à nossa história”.

Os entrevistados foram ainda inquiridos sobre se a associação entre Turismo e Cultura traz algum benefício, bem como sobre a importância da Cultura para o Turismo. A entrevistada da entidade A refere que “Turismo e Cultura têm tudo a ver, estão interligados”. O entrevistado B refere que o aspeto positivo desta relação é o Turismo Cultural, que descreve como “Turismo de Conteúdos”, contrastando este tipo de Turismo com o Turismo tipo “postal ilustrado”. Na sua opinião as recordações que o turismo permite servem para dar mais conteúdo à obra. Em relação aos aspetos negativos desta relação, destaca o fenómeno do turismo de massas. Em relação à entrevistada C, esta refere que o Turismo não sobrevive sem a Cultura e que “o Turismo Cultural está em moda”. A entrevistada refere ainda que o Turismo leva a que haja uma maior preocupação por parte das autoridades com a preservação dos monumentos, o que é positivo.

Ao contrário dos organizadores do Roteiro Queirosiano, que mencionam diversas barreiras ao aproveitamento turístico da Literatura e à veiculação de conteúdos de forma lúdica, os entrevistados das entidades A, B e C revelam perspectivas mais favoráveis. Apesar de os entrevistados reconhecerem que o Turismo por vezes pode levar à “plastificação” da cultura, os entrevistados, sobretudo das entidades B e C, consideram que esta “McDisneyzação” (Ritzer & Liska, 1997) apenas ocorre se houver negligência ao nível do modo como os conteúdos são produzidos e veiculados. Curiosamente são estas entidades ligadas à Cultura que se mostram mais favoráveis à introdução de atividades lúdica. Pelo contrário, é a entidade A que revela menor interesse por esta vertente, apesar de ter fins lucrativos e de a integração de um elemento lúdico poder atrair mais turistas aos passeios que realiza. Apesar disso, os entrevistados veem Turismo, Cultura e Literatura como estando interligados, contribuindo a experiência turística para o enriquecimento do olhar do turista, da obra e da cultura local.

## 6. Conclusão

Num contexto de crescente valorização do património imaterial, este estudo pretendeu discutir a relação entre Turismo, Cultura e Literatura com base na análise de entrevistas realizadas a entidades que organizam itinerários e roteiros literários em Portugal.

Deste modo, as reflexões conceptuais incluídas no início deste estudo apontam para a possibilidade de criação de sinergias entre o Turismo, a Cultura e a Literatura. Advoga-se uma conceção de literatura que valoriza o papel do leitor na transformação do artefacto em objeto estético, favorecendo a interpenetração entre a geografia, o leitor e a obra, aumentando a polissemia da obra e do lugar. Por outro lado, reconhece-se a importância de uma definição de Turismo que enfoque o produto que é produzido

e que inclua a Cultura no seu *core business*, de modo a que se fomente um Turismo Cultural sustentável, evitando cair na “McDisneyzação” (Ritzer & Liska, 1997) e num turismo indiferenciado e predador, inteiramente replicável e vazio de significado. Para além disso, segundo Mendes (2007), o elevado nível de formação do turista cultural deverá alimentar o seu interesse genuíno em conhecer a cultura do Outro e contribuir para a procura de um Turismo verdadeiramente “Cultural”, que sirva para estabelecer pontes entre o visitante e o visitado e alargar os horizontes de ambos.

Em Portugal, a aposta nos itinerários literários tende a ser feita sobretudo pelo setor da Cultura e não pelo do Turismo, o que justifica que a vertente turística destes itinerários esteja ainda pouco explorada. Estes itinerários estão quase exclusivamente vocacionados para o público escolar e têm um potencial limitado para o desenvolvimento socioeconómico ao nível local e regional, em grande parte por trabalharem de forma desarticulada com o setor do Turismo.

Em relação às três entidades analisadas, estas foram comparadas à entidade analisada por Carvalho (2009), que dinamiza um roteiro queirosiano em Sintra. À semelhança deste Roteiro, todas as entidades têm como objetivo a divulgação cultural e literária e apenas a entidade A, de natureza privada, tem o objetivo de lucrar. Em relação ao público-alvo destas entidades, este é sobretudo o público escolar ou universitário, embora a entidade B realize itinerários sobretudo para os sócios e interessados em Eça de Queirós. Já em relação à captação de turistas estrangeiros, as opiniões dos três entrevistados divergem em relação à opinião dos dinamizadores do roteiro queirosiano, que consideraram que a existência de barreiras culturais e linguísticas limitava muito a adaptação do roteiro a este tipo de público. Os três entrevistados têm uma opinião mais favorável à adaptação do itinerário para captar turistas estrangeiros, mas a entidade A é a única que já os inclui no seu público-alvo. Contudo, é de salientar o facto de nem mesmo esta entidade apresentar a

informação que consta do seu *website* noutra língua para além do Português.

Para além disso, verificou-se que as entidades em análise tendem a trabalhar de forma desarticulada com o setor do Turismo, tal como verificado no estudo de Carvalho (2009). Contudo, a entidade B, apesar de ser uma entidade sem fins lucrativos e sem financiamento público, constitui uma exceção, uma vez que se relaciona, ainda que de modo informal, com vários agentes do setor do Turismo. A entidade A, a única que tem fins lucrativos, trabalha de forma completamente isolada, não estabelecendo quaisquer parcerias com outras entidades. A entrevistada mostra-se renitente a trabalhar em colaboração com outras instituições com medo de que a concorrência aumente, comprometendo, com esse receio, o crescimento e divulgação do seu próprio projeto.

Contrariamente aos dinamizadores analisados por Carvalho (2009), os entrevistados creem que o Turismo Literário é cada vez mais procurado e que deverá ser valorizado, não temendo que o aproveitamento turístico deste património leve à sua “plastificação” e perda de conteúdos. Os três entrevistados são ainda favoráveis à ideia de privados ou de as próprias entidades organizadoras dos itinerários, mesmo as do serviço público, lucrarem com os itinerários criados. Em geral são a favor da integração de atividades lúdicas nos roteiros e consideram que a associação entre Turismo e Cultura traz diversos benefícios para ambas, e não apenas para o Turismo, como afirmado pelos organizadores do roteiro queirosiano em Sintra.

Deste modo, parece haver uma abertura considerável por parte de todas estas entidades em relação ao aproveitamento turístico de itinerários literários, comparativamente à da entidade estudada por Carvalho (2009). No entanto, se ao nível da retórica há um fosso considerável, já ao nível das práticas a proximidade entre estas entidades e a entidade que organiza o roteiro queirosiano é muito maior e é visível, por exemplo, no isolamento em que as entidades trabalham em relação a outras entidades do Turismo, sobretudo a entidade A, com receio da

alegada concorrência. Apesar da maior abertura, em teoria, à adaptação do itinerário para estrangeiros, nenhuma das entidades apresenta os conteúdos dos seus *websites* noutras línguas para além do Português. Para além disso, a entrevistada da entidade C, que advoga a importância de “rentabilizar o que temos”, alertando que “não há dinheiro para investir em grandes novos projetos”, desconhece se houve aproveitamento do grande investimento que foi realizado no âmbito do projeto que integrou. Também o objetivo que este projeto tinha de “dinamizar a economia regional” ficou por operacionalizar e comprovar.

Conclui-se, deste modo, que apesar de as entidades organizadoras de itinerários e roteiros literários mostrarem abertura em relação à área do Turismo, a articulação entre ambas as áreas ainda não é efetiva nos casos analisados, com exceção da entidade B. A Cultura e o Turismo podem beneficiar de uma relação mútua. O Turismo pode contribuir para uma maior divulgação cultural e, eventualmente, com mais fundos para a recuperação do património ou realização de eventos culturais. Por outro lado, a Cultura é essencial para o Turismo, pois é o que torna cada lugar único e distinto e é, em última instância, a raiz da razão de ser do fenómeno turístico.

O Turismo Literário é uma área promissora, mas ainda pouco explorada, quer na prática quer por estudos académicos. Consequentemente sugere-se que estudos futuros, para além de analisarem a possível articulação entre agentes da oferta, realizem estudos de mercado que avaliem o perfil dos potenciais turistas literários. Serão estes turistas “peregrinos literários”, i.e. turistas com conhecimentos relativamente profundos de Literatura (Herbert, 2001)? Ou serão estes turistas com interesses mais gerais? Quão profundo é o conhecimento que estes potenciais turistas literários têm das obras? Quais as línguas que estes turistas falam? Que outras motivações turísticas têm estes turistas para além da Cultura e Literatura? Qual o seu perfil socioeconómico? Outro ponto que merece investigação mais aprofundada está relacionado com as obras e

escritores em torno dos quais os itinerários turístico-literários poderiam ser realizados. Para tal, seria importante averiguar quais as obras portuguesas de maior destaque internacional, privilegiando aquelas nas quais o “lugar” – real ou ficcional – desempenha um papel essencial no desenrolar da ação ou na experiência das personagens.

## Referências

- Baptista, M. (2009). *Relatório da Disciplina A Questão da Identidade na Cultura Portuguesa*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Baudrillard, J. (1997). *Simulacra and Simulation*. Ann Harbor (MI): The University of Michigan Press.
- Carvalho, I. (2009). *Turismo Literário e redes de negócios: Passear em Sintra com Os Maias*. Tese de Mestrado, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa, C. (1996). *Towards the improvement of the efficiency and effectiveness of tourism planning and development at the regional level. Planning, organisations and networks: the case of Portugal*. Tese de Doutoramento, University of Surrey, Guildford, UK:.
- Curado, H. (1996). Cultural Tourism in Portugal. In G. Richards (Ed.). *Cultural Tourism in Europe* (pp. 181-194). CABI: Wallingford.
- Eco, U. (1983). *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*. Lisboa: Presença.
- Eco, U. (1985). *Trattato di semiotica generale*. Milão: Bompiani.
- Eusébio, C., Castro, E., & Costa, C. (2008). Diversidade no Mercado Turístico da Região Centro de Portugal: Identificação dos segmentos de maior valor económico em termos de Actividades Turísticas praticadas. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 10, 9 -24.
- Fish, S. (1980). *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Getz, D. (s/d). *Arts, Culture and Tourism: Partnerships and Challenges* [slides em PowerPoint]. Acedido em 29 de abril de 2013. em: <http://www.linkbc.ca/torc/dwns1/ArtsCultureAndTourism.pdf>
- Gratton, C. (1996). The Economic Context of Cultural Tourism. In G. Richards (Ed.). *Cultural Tourism in Europe* (pp. 53-66). CABI: Wallingford.
- Herbert, D. (1996). Artistic and literary places in France as tourist attractions. *Tourism Management*, 17 (2), 77-85.
- Herbert, D. (2001). Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, 28 (2), 312-333.
- Iser, W. (1976). *Der Akt des Lesens*. Munique: Fink.
- Jakobson, R. (1973). *Questions de poétique*. Paris: Éditions du Seuil.
- Jauß, H. (1969). *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*. Constança: Universitätsdruckerei.
- Leiper, N. (1979). The Framework of Tourism: Towards a Definition of Tourism, Tourist and the Tourism Industry. *Annals of Tourism Research*, 6, 390-407.
- Mathieson, A., & Wall, G. (1990). *Tourism: economic, physical and social impacts*. Harlow (Essex): Longman Scientific & Technical
- Mendes, M. (2007). *Na senda Estética e Poética dos Itinerários Turísticos e Literários: O Vale do Lima*. Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Müller, D. (2006). Unplanned Development of Literary Tourism in Two Municipalities in Rural Sweden. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*. 6 (3), 214-228.
- Murphy, P. (1985). *Tourism: A Community Approach*. New York: Routledge.
- Organização Mundial do Turismo [OMT] (1999). *Conta satélite do turismo (CST): Quadro conceptual*. Madrid: Organização Mundial do Turismo.
- Ritzer, G., & Liska, A. (1997). McDisneyization and post-tourism: complementary perspectives on contemporary tourism. In C. Rojek & J. Urry (Eds.), *Touring cultures, transformations of travel and theory* (pp. 96-109). London New York: Routledge.
- Silva, V. (2005). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Smith, S. (1995). *Tourism analysis: a handbook* (2.ª ed.). Harlow: Longman.
- Urry, J. (2002), [1990]. *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Society*. London: Sage (2.ª edição).